

# UM FUNERAL INCONCLUSO

## O marxismo como filosofia insuperável do século XXI

Fernando Magalhães\*

### RESUMO

Tem-se decretado, nos últimos tempos, a morte do marxismo. Contudo, a solenidade que proclamou o funeral da filosofia de Marx não é nova. E é tão freqüente quanto o ritual de conjuração. Em nossos dias, no entanto, o empenho dedicado a apresentar provas de sua execução é maior devido ao colapso do “socialismo real”. Mas não se elimina facilmente uma filosofia, a menos que, com ela, desapareçam, igualmente, as circunstâncias responsáveis pelo seu nascimento. A força e o vigor do marxismo residem na capacidade de propor soluções que ultrapassem o âmbito restrito de “aperfeiçoamento do sistema”, tema central de todas as filosofias pós-modernas. Embora não se admita ser ela, hoje, a única teoria crítica capaz de superar o sistema capitalista vigente, e tampouco seja o repositório da verdade histórica, ela contém uma concepção universal de mundo capaz de se contrapor ao atual estado social e *superá-lo*. O objetivo deste texto, assim, é demonstrar que a proclamada morte do marxismo, ainda que subjetiva e ideologicamente desejada, não se consumou de fato, e que enquanto perdurarem as condições que criaram essa forma de sociedade, a filosofia de Marx será um instrumento imprescindível para a objetivação de um novo *ethos* e a possibilidade da auto-realização humana.

**Palavras-Chave:** Marxismo. Morte da filosofia. Superação/realização.

### ABSTRACT

#### **An unfinished funeral. Marxism as an Insurmountable Philosophy in the 21st Century.**

The death of Marxism has been proclaimed lately. However, the solemnity that announced the funeral of Marx's philosophy is not new. Besides, it is as frequent as the conjuration ritual. These days, however, the effort made to present evidence of its execution is stronger due to the collapse of “real socialism”. Nevertheless, a philosophy is not easily eliminated unless the circumstances that were responsible for its birth disappear, too. The strength and the vigor of Marxism lie in the capacity to propose solutions which go beyond the restrict area of “system improvement”, the central theme of all post-modern philosophies. Although we

---

\*Professor de Filosofia da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). [fmh@hotlink.com.br](mailto:fmh@hotlink.com.br)

admit that it is neither the only critical theory which can overtake the current capitalist system nor the hold over historical truth, Marxism comprises a universal world conception that can counterpoint against the present social status and overcome it. Therefore, this paper aims at showing that the so-proclaimed death of Marxism (even though it is subjectively and ideologically desired) has not really occurred, and that Marx's philosophy is still an indispensable tool to reach new *ethos* and to enable human self-fulfillment while the conditions that created this type of society endure.

**Key words:** Death of Marxism,

O tema da morte reaparece freqüentemente na história do pensamento filosófico. Deus não escapou, quando assim falou Nietzsche, ainda que o desaparecimento da divindade expresse a força de sua penetração nas massas. Nietzsche também morreu; exatamente porque era humano (não tenho certeza se demasiado). Mas não se ressuscita quem se apresenta como divino porque não se consegue matar o que, por essência, se oferece como eterno. Quando muito, a morte é uma armadilha para enganar o demônio (seja lá como se entenda em que realmente consiste essa entidade) ou, em última instância, um golpe de publicidade para manter a crescente perda de brilho da fé. A morte ou a tortura do “deus” é a exaltação da humanidade; quer no cristianismo, quer no paganismo.

Jamais me ocorreu, também, que alguém tenha procurado exumar o corpo de algum outro pensador em particular sem recorrer, com freqüência, ao auxílio do ideário de esquerda. O que interessa, porém, é que jamais se reivindicou, expressamente, um *corpus* – no sentido de corrente política militante – nietzschiano, heideggeriano, etc, a exemplo do que acontece com o marxismo. Aqueles que partiram em busca da pureza primitiva de um pensamento não raro incursionaram pela trilha do irracionalismo. Chegaram, no máximo, a uma “clareira” mal definida, perdida em meio ao “caminho do bosque” para descobrir, em seguida, a quase impossibilidade de seu desvelamento. O retorno às origens – e disso o próprio Nietzsche (1995, p. 20) sabia muito bem – leva, por todos os meios, à catástrofe.

Até o liberalismo teve a sua sorte definida pela restauração e não pelo renascimento ou reconstrução. Retoma sua trajetória interrompida pelo enganoso conceito de *neo*. A continuidade nada contém de novo. Dispensa-se facilmente, desse modo, qualquer ritual de exorcismo. Nada do que se faça abala o espírito dos vivos. Não há necessidade, portanto,

de repetir a execução. Não pode haver retorno onde a vítima não incomoda nem causa excitação, quer dizer, não cumpre o papel de agente subversivo, de pensamento destruturador. Uma vez morto este, enterrado para sempre.

Apenas a morte sucessiva é sinal de vitalidade; sintoma da dificuldade de uma filosofia conservar-se morta. Isso significa uma coisa: que o fantasma reaparece costumeiramente ou não sumiu *in totum*. Por quê? Quando fazemos essa indagação, percebemos que somente uma filosofia é rotineiramente conduzida ao cadafalso para, em seguida, escapar. Não obstante o seu atestado de óbito receba, repetidamente, falsas assinaturas. É difícil enviar ao jazigo (teórico) perpétuo uma filosofia que se recusa a morrer, ou melhor, que rejeita o seu destino final antes de realizar-se. Isso implica dizer que seu tempo de vida não se decide por decreto, que ela não desaparece enquanto não findarem as circunstâncias responsáveis pelo seu nascimento. Essa filosofia se chama marxismo e, a despeito do que se possa pensar a seu respeito, é a filosofia insuperável do nosso tempo.

Há boas razões para ainda se pensar dessa forma, embora o prognóstico de Sartre (1973, p. 120 e 130) date do início da década de sessenta do século passado. Como se sabe, a célebre citação do filósofo francês fundamentava-se num fato incontestado, a saber, a *praxis* que engendrou a filosofia de Marx mantinha sua eficácia à medida que o capitalismo gozava de boa saúde e, bem ou mal, o socialismo lançava seu aparente viço por meio de uma instituição “realmente existente”: o “comunismo” soviético. Desaparecido o imaginário que iluminava “corações e mentes” do Ocidente, a lógica da extinção exigia, como corolário inevitável, o imperativo da articulação entre teoria e prática ou, mais precisamente, entre pensamento e derrota.

Compreensível a identificação entre destruição econômica de um regime político e a falência do ideário que supostamente alimentava seu apetite. Obviamente deveríamos estar habituados a esse tipo de celebração fúnebre por parte dos liberais e conservadores de todos os tempos. Mas também já não é possível omitir que uma parcela da adversidade enfrentada hoje pela esquerda coube, sem nenhuma dúvida, a um numeroso contingente de seguidores de Marx, que atendia pelo nome de ortodoxia marxista. Esses epígonos sempre fizeram crer que não havia diferença entre ação justificável e fins sem perceberem muito bem que os fins já haviam se tornados meios, e que revolução russa e

teoria marxista significavam uma só coisa. Marx e sociedade de ruínas passaram, invariavelmente, a ser sinônimos.

A morte espreita o nascimento, o que não constitui novidade na literatura política conhecida. Afinal, a cerimônia de funeral da filosofia de Marx tem uma longa história; tão extensa quanto o seu ritual de exorcismo. Marx foi dado como morto sempre que não se cumpria uma de suas previsões, lembra Bobbio (2000, p. 252). No começo do século, quando o capitalismo não mostrava sinais de fraqueza; depois quando o socialismo instalou-se num país atrasado; em seguida, durante a ditadura estalinista e, finalmente, nos últimos anos, quando o capitalismo parece ter vencido os desafios dos Estados socialistas.

Notável elenco de coveiros, é verdade; mas insuficiente para publicar o obituário. A fragilidade de um movimento não se confunde com a ambigüidade de um pensamento. O marxismo opera segundo a produção de dois registros diferentes: o movimento político e a tradição intelectual (CALLINICOS, 2001, p. 88). E a sincronia entre ambos, os registros, não é automática ou mecânica. Advertência, diga-se por sinal, manifestada já pelo próprio Engels (1977, p. 102 e 1982, p. 203). O dogma, isto é, o zelo bíblico pela teoria – tanto quanto o abandono dos princípios – entorpece a dinâmica histórica, criando um hiato entre o que *deve* e o que *pode* ser feito. Lacuna dissonante que provoca uma assimetria entre a teoria e a prática, conduzindo a recepção das idéias, por parte do movimento, a um caminho oposto ao desejado. Segue-se daí a menção de Engels à arritmia entre desejo e realidade. Os homens sempre descobrem “no dia seguinte que não tinham idéia do que estavam fazendo, que a revolução *feita* não se parece nem um pouco com a que eles gostariam de ter realizado”. A antecipação profética da “derrota do socialismo” emerge simplesmente como uma aguda análise das condições reinantes entre locutor e receptor. Em poucas palavras: a realidade, ainda que objetiva, não dispensa a interpretação.

Não existe, dessa maneira, uma decisão *in perpetuum* ou biografia autorizada do marxismo para sacramentar sua morte apenas por uma variante do pensamento de Marx convertida em movimento que se desnaturalizou. Contudo, não tenho a intenção de isentar a responsabilidade dos intelectuais, imaginando que as idéias são inteiramente inocentes. Se uma interpretação é capaz de produzir efeitos danosos derivados de uma teoria, o fato denota o surgimento de um espaço que oferece chances de intuir, de sua estrutura básica, algum tipo

de entendimento com aptidão para fazer germinar efeitos indesejáveis. Argumento válido, em larga medida, mas arriscado quando submetido a generalizações porquanto permite grande quantidade de elaborações teóricas arbitrárias.

Umberto Eco (1995, p. 17) já apontou, com talento, os limites estabelecidos para uma interpretação, seja ela qual for; e esse limite consiste na relativa obediência ao objeto em questão. A margem deixada por um autor para a apropriação cúmplice do leitor é realmente bastante ampla, mas não desprovida de fronteiras. A variedade de significados e referentes não dá direito a dizer que a mensagem pode significar *qualquer coisa*. “Mesmo um texto potencialmente aberto impõe restrições a seus intérpretes... Os limites da interpretação coincidem com os limites do texto”. A conclusão é visível. De um lado complementações, supressões ou ampliações não constituem obstáculos para o destinatário da mensagem; de outro, o objeto da discussão não admite modificações substanciais de princípios. Interpretar é conhecer por meio de limitações. Quando conhecemos absolutamente tudo, dizem os filósofos da linguagem, conhecemos de modo diferente. Cada qual possui sua própria tradução; cada um decifra o código à sua maneira.

Instaura-se, então, o dilema. No caso da filosofia de Marx, a determinação do significado é complexa, uma vez que o assalto aos seus fundamentos procede tanto do interior quanto do exterior. Certamente o ataque que emana “de dentro” da tradição marxista não busca solapar deliberadamente sua própria história. Ao contrário, seus próceres se esforçam por proporcionar condições favoráveis ao fortalecimento da teoria, mas sem que precisem recorrer aos postulados filosóficos. A ciência ergue-se, aqui, como o único critério válido para a objetivação da *práxis*. Pouco importa, entretanto, as boas intenções daqueles que pretendem salvar o paciente da asfixia e acabam matando-o por excesso de oxigênio.

O resultado é tão desastroso quanto o clamor dos “assassinos de fora”. Antes mesmo de Althusser e seus discípulos estruturalistas, a idéia já estava presente em trabalhos de autores soviéticos da década de 20 do último século que difundiam o jargão: “Joguem a filosofia ao mar”. Expulsa a filosofia de sua justificação histórica antes de realizar-se, a teoria de Marx encontra algo pior do que a morte: a mutilação. Mas outro é o sentido da morte do marxismo pelo assalto oriundo do exterior. Se no primeiro caso a filosofia desaparece para ceder lugar à ciência, no

segundo, a manifestação da morte obedece à literalidade do termo. A presença do marxismo se faz desnecessária. Mais do que isso, torna-se obrigatório exterminar não apenas seu modelo político; impõe-se uma coação à própria nascente do movimento. Há que se extirpar o espírito.

O esforço dedicado à execução do espectro de Marx acentuou-se enormemente. Esse *tour de force* não se restringe à tentativa de seu enterro político. Exige-se que lhe seja dificultado, inclusive, acento nas cátedras das universidades. O riso nervoso da abstração irracional recusa, desse modo, a um pensamento, até mesmo o lugar de clássico reivindicado por marxistas envergonhados (ou ex-marxistas). Considerada peça de museu em um universo pós-moderno, a filosofia de Marx deve ser substituída pelas filosofias que correspondam ao cardápio da ordem do simulacro. Entram em cena as regras formais do pensamento.

Seguramente o eclipse dos países do Leste europeu contribuiu para nutrir esse tipo de raciocínio. Mas foram as transformações operadas no seio das sociedades chamadas pós-industriais que invalidaram, segundo o argumento pós-moderno, as teses de Marx. Num mundo dominado pelas tecnologias da informação e pela microeletrônica, onde o referente evanesce transformando-se em seu próprio signo, o social é reprimido e o capital abandona seu *habitat* natural (material), um pensamento baseado numa realidade concreta sente dificuldades em manter-se vivo.

Mas uma filosofia, ainda que golpeada seriamente, não morre com facilidade; não, pelo menos, antes que desapareçam as circunstâncias que a forjaram, isto é, antes que ela se realize. Esse aspecto foi notado perfeitamente por Guy Débord (1998, p. 9) que, na advertência que faz à edição francesa, de 1992, de *A Sociedade do Espetáculo*, afirma que “uma teoria crítica como esta não se altera, pelo menos enquanto não forem destruídas as condições gerais do longo período histórico que ela foi a primeira a definir com precisão”.<sup>1</sup>

Essa morte prematura tem uma explicação lógica. Os críticos da filosofia de Marx jamais se preocuparam seriamente com o estudo do *objeto em si* (os textos marxianos) ou com sua verdadeira natureza, e sacaram suas conclusões, em grande parte, dos comentaristas de Marx. Por isso falei, no início, que o atestado de óbito contém “assinaturas falsas”. Inegavelmente, o recurso a fontes secundárias é um

---

<sup>1</sup> Obviamente, Débord referia-se ao seu livro; mas pode-se aplicar, inegavelmente, à teoria de Marx.

procedimento válido. Mas encontra resistência no fato das análises *privilegiarem* uma “segunda opinião”; e tais análises, em geral, não respeitam a intenção do autor, prioridade requerida pelo texto (ainda que nesta intenção oculte-se a interpretação do leitor).

Somente o regresso à tese primordial admite um exame mais rigoroso que contemple a relação entre interpretação e objeto, quer dizer, entre a amplitude da exegese e seus limites. Mas aí, como evitar o artil nietzschiano que invoca o perigo da barbárie em caso de retorno à fonte primitiva? Naturalmente seria um grave erro atribuir ao marxismo a tarefa de extrair as raízes de uma filosofia do seu solo seminal e cultivá-la integralmente em terreno alheio ao seu ambiente. Eis porque a volta às origens deve ser parcial. A função de enfrentar o princípio é apenas a de capturar o fundamento e procurar absorvê-lo, não no intuito de recuperá-lo em sua inteireza, mas de *reconstruí-lo* a partir da idéia predominante. Nesse aspecto, o sentido de consenso quanto ao objeto assume o papel de extrema relevância para a compreensão da falsa morte do marxismo, bem como da atualidade do pensamento de Marx.

Remontar aos textos marxianos é ler um documento histórico com um propósito definido e dirigido a um público específico. Seria anacrônico entendê-lo de outra forma. No entanto, toda teoria seria inútil se olhada à margem da apropriação das idéias. As páginas da obra de Marx estão, portanto, à disposição do leitor; e a leitura que delas se faz nos diz alguma coisa. Ou muitas coisas. Isso significa que manter o marxismo vivo, como sustenta Randy Martin (2002, p. 3) não é só invocá-lo por meio da releitura, mas repensá-lo e reaprendê-lo sempre. De qualquer modo, toda filosofia possui um núcleo central em torno do qual giram as interpretações. Os escritos marxianos referem-se à realização da filosofia e à transformação do mundo, e procedem a uma análise do capital e a uma investigação da anatomia da sociedade capitalista. Está aí o limite do qual fala Eco.

Por mais que difiram os comentários, o foco da teoria de Marx dirige-se ao capitalismo e sua superação. O consenso quanto ao objeto dificilmente pode ser contestado. A questão que se coloca, então, é a seguinte: são as sociedades pós-modernas inteiramente diferentes daquelas do tempo em que viveu Marx? Está o capitalismo superado? A cegueira histórica e a surdez ideológica não são boas conselheiras. Enxergar a realidade, escutar o rumor das transformações; estas são exigências de uma teoria que se renova a si mesma, uma teoria que se

reconstrói no cotidiano. Seu dever é estar atenta às modificações inevitáveis impostas pelo tempo, e estas estão à vista. Embora nem sempre seja fácil detectar as alterações que se processam na evolução das sociedades pós-modernas, elas recebem, igualmente, aprovação da esquerda e da direita. A distinção consiste em como cada uma dessas correntes interpreta a chegada dos novos eventos.

Incontestavelmente, o *modus operandi* contrasta consideravelmente com o das sociedades do passado, inclusive as de um passado recente. O setor de serviços cresceu espantosamente, o trabalho adquiriu outra racionalidade e a velha relação infraestrutura/mundo da consciência reescreve seu estatuto. A classificação de Marx dos três estágios do valor – de uso, de troca e das qualidades abstratas – passa por uma reestruturação que envolve, em um único plano, economia e cultura. Cinema e TV americanos são, ao mesmo tempo, base e superestrutura; “são os principais produtos de exportação dos Estados Unidos...uma enorme fonte de renda e de lucros” (JAMESON, 2001, p. 50).

E não apenas isso. A sociedade pós-moderna tornou-se um grande simulacro onde o espetáculo é o objeto principal. Quarenta anos depois que Débord escreveu seu célebre livro, percebemos que nada mudou; ao contrário, agravou-se e ampliou-se o *status* da sociedade espetacular. A mercadoria como vedete (DÉBORD, 1998, p. 126-127) elevou ao extremo o mundo das imagens. O original é, inclusive, conduzido ao plano secundário. A celebração do simulacro alcança sua perfeição mercadológica na inversão da ordem das coisas.

Ao compartilhar desse quadro traçado pela própria esquerda, a direita associa as mudanças à morte do marxismo. Ao fim e ao cabo, nossos dias demonstram que as previsões de Marx falharam e que a sociedade capitalista é progressivamente abolida pelo império da informação. Se o capital perde seu reinado para o conhecimento, o que sobra da filosofia marxista como crítica de um sistema inexistente? É difícil sustentar a hipótese de que o capitalismo esgotou seu potencial enquanto sistema de exploração e produtor de mercadorias, e que a produção imaterial (o conhecimento, por exemplo) estabelece o fim da filosofia de Marx. É certo que a produção se desmaterializou, mas permanece como produção – ainda que de comunicação da informação.

Mas é exatamente graças a essa produção imaterial que o sistema consegue abastecer o mercado sem universalizar a relação salarial e, conseqüentemente, sem distribuir a riqueza (COCCO, 2001, p. 38). A

atividade produtora do conhecimento é uma das maiores fontes de renda, no presente, e o próprio saber, como reconhece Lyotard (1998, p. 5), é uma forma de mercadoria informacional. Não importa se mudou o *locus* da produção. Interessa saber que tudo o que não se submete ao cálculo – para homenagear Adorno e Horkheimer – continua suspeito para a avareza cúpida da pós-modernidade. Procede, portanto, o lúcido comentário de Jameson (1997, p. 14) a respeito do regime político-econômico atual: “...longe de ser inconsistente com a grande análise do século XIX de Marx, [o capitalismo tardio] constitui, a mais pura forma de capital que jamais existiu, uma prodigiosa expansão do capital que atinge áreas até então fora do mercado. Isso confirma que a era pós-moderna é somente “o reflexo de uma modificação sistêmica do próprio capitalismo”. Ora, se é verdade então que a filosofia marxista nasce como uma análise do capital e como uma investigação sobre a sociedade capitalista; se é correto que esse sistema produtor de mercadorias mantém-se ativo, a teoria de Marx mostra-se, com toda evidência, insuperável.

A vitalidade do marxismo, contudo, não reside apenas em sua fórmula “negativa”, mas igualmente na capacidade de propor soluções que ultrapassam o âmbito restrito de “aperfeiçoamento do sistema”, que é o tema central de quase todas as filosofias pós-modernas. Em que pese não se constituir hoje a “única” e “verdadeira” teoria crítica da sociedade capitalista, ela é a filosofia que contém uma concepção universal de mundo capaz de se contrapor ao estado social vigente e *superá-lo*. A famosa expressão de Sartre encontra eco ainda nos trabalhos de Jameson, para quem “o marxismo é a ciência do capitalismo...Isso significa...que é incoerente comemorar a ‘morte do marxismo’ na mesma ocasião em que se anuncia o triunfo definitivo do capitalismo e do mercado”. Notadamente porque a filosofia de Marx também é crítica da exploração do homem sob esse tipo de regime.

Talvez por isso mesmo Derrida (1994, p. 29-30) considere que “é um erro não ler, reler e discutir Marx...não há futuro sem Marx, sem a memória e a herança de Marx”. Eu acrescentaria que não há futuro enquanto a desigualdade não for erradicada das sociedades ditas pós-modernas. Derrida acredita que é preciso conjurar o fantasma de Marx porque é da natureza do espectro retornar quando a noite cai, e já se faz madrugada com a nova desordem social chamada globalização. Estou convencido, porém, de que não há necessidade de exconjurar o espírito

de Marx porque tenho a impressão de que ele nunca abandonou a morada (social), esta sim, a verdadeira “casa do ser”. E não abandonou justamente porque o sol jamais se levantou em nosso horizonte. O capitalismo, por sua permanente exploração do homem, é – e será sempre – noite eterna.

Eis aqui a legítima razão de ser da *aletheia*. Arrancar o véu que esconde a escuridão de um *Dasein* impostor e revelar o *ser-aí* em um novo amanhecer. Concluiria, portanto, expressando a minha convicção de que a proclamada morte do marxismo, ainda que subjetiva e ideologicamente desejada, não se consumou de fato. E mais: enquanto as condições que criaram essa forma de sociedade existir, a filosofia de Marx, por abraçar uma concepção que explora, às últimas consequências, a natureza do homem sob o sistema capitalista, permanecerá imprescindível, como exigência de nosso tempo.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOBBIO, Norberto. *Ni Com Marx Ni Contra Marx*. México: Fondo de Cultura Económica, 2000.

CALLINICOS, Alex. “Où va Le marxisme anglo-saxon?”. In.: BIDEET, Jacques e KOUVÉLAKIS, Eustache (Orgs.). *Dictionnaire Marx Contemporain*. Paris: PUF, 2001.

COCCO, Giuseppe. *Trabalho e Cidadania*. Produção e direitos na era da globalização. São Paulo: Cortez, 2001.

DÉBORD, Guy. *A Sociedade do Espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1998. (Reprint de 1997).

DERRIDA, Jacques. *Espectros de Marx*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.

ECO, Umberto. *Os Limites da Interpretação*. São Paulo: Perspectiva, 1995.

ENGELS, Friedrich. *As Guerras Camponesas na Alemanha*. São Paulo: Grijalbo, 1977.

\_\_\_\_\_. “Carta a Vera Zassulitch”. In.: FERNANDES, Rubem César (Org.). *Dilemas do Socialismo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

JAMESON, Fredric. *Pós-Modernismo. A Lógica Cultural do Capitalismo Tardio*. São Paulo: Ática, 1997.

\_\_\_\_\_. *A Cultura do Dinheiro*. Ensaios sobre a globalização. Petrópolis: Vozes, 2001.

LYOTARD, Jean-François. *O Pós-Moderno*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1988.

MARTIN, Randy. *On Your Marx*. Relinking socialism and the left. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2002.

NIETZSCHE, Friedrich. *A Filosofia na Idade Trágica dos Gregos*. Lisboa: Edições 70, 1995.

SARTRE, Jean-Paul. “Questão de Método”. Prefácio à edição francesa de *Crítica da Razão Dialética*. In: *Os Pensadores*. São Paulo: Abril Cultural, 1973.

